LINGUAGEM GEOGRÁFICA E LITERÁRIA: APONTAMENTOS ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL SUL-MATO-GROSSENSE

Robinson Santos Pinheiro*
Cláudio Benito Oliveira Ferraz**

RESUMO: Este artigo procura evidenciar as possibilidades de diálogo entre o conhecimento científico geográfico e o saber produzido no espaço literário. Assim, visa a aproximar o conhecimento sistematizado, produzido na academia, para mais perto das condições nas quais os indivíduos significam a sua espacialidade durante as atividades cotidianas. A partir do diálogo entre Geografia e Literatura, tem-se por objetivo melhor compreender a construção da identidade territorial sul-mato-grossense, perscrutando os elementos com os quais os literatos concebem as formas de vida no estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: geografia; literatura; identidade; território.

ABSTRACT: This article intends to evidence the possibilities of a dialogue between geographical, scientific knowledge and the knowledge produced by the literarians. Therefore, it aims at bringing together the expertise provided by the academic environment and the conditions which help individuals to mean their spatiality during their daily routine. Based on this dialogue between Geography and Literature, it is tried to understand better the building of the sul-mato-grossense territorial identity, analyzing the ways in which the literarians understood the development of today's life in the state of Mato Grosso do Sul.

Key-words: geography; literature; identity; territory.

INTRODUÇÃO

Há muito vem se cobrando outros caminhos para melhor entender a realidade, na tentativa de aproximar os discursos cientificamente elaborados para mais próximo das significações que os indivíduos cotidianamente constroem acerca da sua espacialidade vivida.

* Aluno regular do curso de mestrado em Geografia - da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD; Professor da Escola Franciscana Imaculada Conceição / Dourados-MS; Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas - FCT/UNESP. *E-mail*: robinson22pinheiro@yahoo.com.br.

** Doutor em Geografia. Professor da Universidade Estadual Paulista / Júlio de Mesquita Filho; Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD; Coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas. *E-mail:* cbenito2@yahoo.com.br.

Desta maneira, perscrutando a possibilidade de arquitetar a produção geográfica para mais perto das formas com as quais os indivíduos significam o real, é que o presente artigo se inscreve. Procuraremos abordar as possibilidades de se trabalhar a relação entre geografia e literatura, buscando valorizar as diferentes linguagens enquanto formas de significação e expressão do mundo em que vivemos. Neste sentido, a (re)construção da identidade[1] territorial sul-mato-grossense é entendida através da contribuição advinda das formas com a qual esta identidade foi expressa e abordada nos romances de ficção centrados na paisagem do estado do Mato Grosso do Sul hoje. Acreditamos que os literatos podem nos contar e/ou narrar as experiências por eles vividas, ou simplesmente relatar as vivências de outrem que eles observaram na sociedade. Este relato acontece de forma não direta, como em muitos casos, uma vez que o literato não escreveu pensando em conceito ou em construir, no imaginário do povo sul-mato-grossense, uma identidade do Sul[2]; escreveu, a partir de suas necessidades e angústias, as tramas, os diálogos e as ações que as personagens de suas obras expressam frente aos dilemas e desejos, profundamente entrelaçados nas relações espaciais cotidianas.

De modo geral, as narrativas romanceadas apontam para um sentido, ou sentidos de pertencimento daquelas vidas apresentadas nos textos literários, com os lugares e territórios concretos que as geraram por meio dos processos de criação artística. Diante disso, os geógrafos/cientistas, devem saber "escutar" e interpretar o que os escritores têm a dizer, neste caso, sobre a construção da identidade territorial do Mato Grosso do Sul.

Analisando como os literatos regionais acabaram por legitimar ou criticar determinadas concepções formadoras de um cogitar do sul, investigando se estas concepções estão para além de um regionalismo diretamente atrelado a "[...] exploração e exposição do pitoresco, do que é típico, do que é próprio e especial da região", constata-se que, o típico de uma região advém de uma construção artificial, oriunda de interesses políticos e econômicos e não necessariamente *constructos* sociais, uma vez que transcendem as classes e a artificialidade dos estereótipos culturais (BUSCIOLI; NOLASCO, 2006, p. 108).

Como objeto de análise deste artigo, escolhemos como elemento principal da discussão o livro *Onde cantam as seriemas* (1988), livro de reminiscências, escrito pelo sul-mato-grossense Otávio Gonçalves Gomes, onde retrata as aventuras e desventuras da infância vivida na década de 1920, cuja narrativa se passa na atual cidade Ribas do Rio Pardo. Entretanto, procuraremos demonstrar como outras obras clássicas da literatura sul-mato-grossense também versam sobre o processo de formação da iden-

[1] Segundo Lévi Strauss, "[...] embora não tenha uma existência real, a identidade é indispensável como ponto de referência. Porém, não é ponto de unidade, mas de diversidade, de heterogeneidade, porque só se define diante do 'outro'" (*apud* MENEGAZZO, 2004, p. 33).

[2] Ao "Sul" nos referimos à formação territorial sul-mato-grossense, pois, antes da emancipação política, todo o território, que agora pertence ao Mato Grosso do Sul, era denominado como Mato Grosso.

tificação territorial, tais como: *Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros – o mito gaúcho sul-mato-grossense (1997), escrito por Brígido Ibanhes - relato da vida do mais famoso bandoleiro que viveu por este território, retratando o período de 1930 até a metade do século 20; *Vento brabo* (1971), de Hélio Serejo - coletâneas de contos que busca retratar o período vivenciado na metade do século 20; e *Selva trágica* (1976), de Hernâni Donato - romance que retrata as mazelas e as alegrias vividas pelos ervateiros, no início do século 20, na busca desenfreada pela erva-mate.

Nesse contexto, a geografia acabará se revelando a partir do diálogo entre as linguagens científicas, das ciências humanas, com a linguagem artística. Espera-se, assim, delinear outras formas de compreender a espacialidade territorial sul-mato-grossense, com vistas ao reconhecimento da diversidade de sua multiterritorialidade.

DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: APROXIMAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E ARTE

Para a elaboração do diálogo entre as áreas de literatura e geografia, iniciamos com a diferenciação que os estudiosos da história do pensamento geográfico (MORAES, 1986; MOREIRA, 1981; SODRÉ, 1976; LENCIONI, 2003; CAPEL, 1981) fazem acerca de um conhecimento e um saber geográficos. Para estes autores, existe um conhecimento que se afirma como tal a partir da sua institucionalização, no século 19, e um saber geográfico produzido a partir das relações que se estabeleciam no cotidiano dos mais diferentes grupos sociais e que precedem à institucionalização de um discurso científico.

Propõem-se, então, produzir um conhecimento científico que venha ao encontro da valorização de outras formas de saberes expressa nas mais distintas linguagens e apreendidos dentro das práticas culturais cotidianas. Esta perspectiva não é encontrada nos autores citados, pois que esses ressaltam a divisão entre um conhecimento e um saber geográfico, todavia, para eles, ficou a supremacia do conhecimento em detrimento do saber, notadamente após a ascensão da ciência moderna como um dos fundamentos na consolidação da sociedade de mercado capitalista e sua articulação sócio-territorial nas instâncias políticas do Estado-Nação. A própria história da geografia passou a ser a história oficial de um conhecimento, que busca por um saber dado a partir das necessidades e interesses majoritariamente articulados, financiados pelo Estado-Nação, não valorizando, assim, os saberes produzidos no cotidiano das práticas dos mais diferenciados indivíduos.

Acreditamos que a busca do encontro com um saber geográfico deve ser pensada para além dos lugares disciplinares. Em nossa análise, percebemos que muitos estudos buscaram elementos parecidos com os padrões da institucionalização, e, a partir daí, pensaram o que existia de saber geográfico em cada período, entretanto esta concepção de análise histórica está diretamente vinculada à concepção do que é geografia, qual o seu papel, onde ela ocorre. Além do mais, a própria historiografia contemporânea se inclinou para uma história desse saber, tendo como referência os padrões

do conhecimento institucional e oficial, não se dando conta de que o saber geográfico se encontra presente no contexto de cada época e período histórico vivenciado pelo homem.

O que queremos é sublinhar que o conhecimento pertinente para a geografia pode ser encontrado nos elementos fundantes do viver de cada contexto histórico, um saber geográfico expresso tanto nas pinturas rupestres como nas narrativas épicas, na poesia, no saber filosófico, nas artes; enfim, um saber geográfico que não passou pela análise de ser geográfico de uma determinada sistematização. A partir da observação destas fontes, encontramos elementos ou leituras possíveis da compreensão de como o indivíduo pensava acerca do seu tempo, produzindo, assim, uma geografia de identificação espacial mergulhada nas práticas sociais e culturais.

Como sabemos, o saber geográfico é construído cotidianamente, uma vez que os indivíduos constroem cognitivamente elementos de explicação e de referencialização a partir das suas relações primeiras, no momento que entram em contato com o seu entorno, construindo significados existenciais de entendimento. Daí a pertinência de se pensar a significação do real oriunda destas fontes – literatura, pintura, música, cinema etc., instrumentalizando um diálogo com as significações que estes saberes possam oferecer como elaborações identitárias, construindo uma geografia que possibilite auxiliar na "conscientização" de indivíduos, que possam fazer o elo de ligação da sua mundivivência com outras escalas de referência do mundo.

Quando se pensa a relação entre ciência e arte, na maioria das vezes, a questão do artístico – ilógico [3] – adentra na discussão servindo apenas como um símbolo ilustrativo em que o pesquisador somente pontua para "enfeitar" ou demonstrar erudição em seu trabalho, não discutindo ou efetivamente dialogando com este referencial, ou simplesmente não conferindo o valor que o artístico congrega enquanto forma, onde as tramas ali presentes apontam para elementos que expressam formas outras de ler e interpretar as mazelas e as condições em que os homens vivem e constroem o espaço cotidiano. Neste aspecto, vale destacar que a questão do artístico não ser valorizada, na pesquisa científica, é explicado devido aos padrões de ciência que pautaram a construção dos discursos científicos; isso teve origem a partir do século 18, tendo como pano de fundo as ciências físicas e matemáticas. Em Capel (1981), por exemplo, nota-se que um elemento central nesta discussão foi o surgimento do método investigativo positivista, que tinha por base "[...] el razonamiento inductivo, que parte de la observación y mediante classificaciones y comparaciones se elea a conclusiones generales, al descubrimiento de leyes" (CAPEL, 1981, p. 270). Com isso, procurou-se nivelar o conhecimento das ciências humanas com o conhecimento das ciências exatas ou naturais, buscando assim alcançar o reconhecimento como um saber institucionalizado.

Ao seguir estas formas de apreensão do real, nos padrões estabelecidos pelas ciências exatas – elaboração de leis gerais e jamais contraditórias –, o discurso geográ-

[3] Forma com que Nietzsche (2006, p. 51) se referia a tudo que era produzido sem o rigor dos padrões científicos (teatro; música; religião etc.).

fico, como das ciências humanas em geral, deveria ser exato, objetivo, não contraditório, totalizante e absoluto em sua veracidade. Por conseguinte, as expressões artísticas aludidas e, consecutivamente, as outras esferas da qual pertencem o mundo da subjetividade – intuição, desejos, silêncio, senso comum, loucura etc. – foram, quando não negadas, classificadas como inferior à capacidade do discurso científico. No caso da geografia, corroborando o poder de estabelecer o sentido único e verdadeiro dos fatos e fenômenos estudados, findou contribuindo, segundo Ferraz (2001, p. 22), para a consolidação do "[...] status de discurso científico, portanto, eficiente, objetivo, exato, totalizante, não contraditório e absolutamente verdadeiro; [...] sacrificou toda uma diversidade de conhecimentos em prol do que oficialmente passou a ser considerado como "geográfico".

Com efeito, a relação ciência e arte deve ser centrada na elaboração ou recuperação de outros referenciais do que se quer como científico nos estudos geográficos contemporâneos; acreditamos que os padrões seguidos até o presente acabam não permitindo um melhor entendimento das práticas artísticas e culturais, ou seja, a busca da totalidade, de não ser contraditório, de ser exato, objetivo e irredutivelmente verdadeiro, acaba gerindo um sentimento de estranhamento da pesquisa acerca do objeto alvo de estudo – principalmente nos aspectos da ciência geográfica, que tem por objetivo estudar a materialização das relações sócio-espaciais em determinada escala. Compartilhamos, assim, com o entendimento de Cury (2004, p. 105), ao afirmar que "a ciência deveria servir à humanidade e não a humanidade servir à ciência", pois os discursos científicos estão se transformando numa fantasmagoria de entendimento das relações humanas em prol de seus próprios princípios teóricos ou político-institucionais generalizantes.

Na tentativa de aproximação da pesquisa com a existência humana, propõe-se o diálogo com o saber artístico, entendendo que um autor elabora o seu artefato artístico (pintura, literatura, filme, fotografia etc.) partindo das formas com as quais ele usufrui do seu espaço vivido em determinado período[4].

Entretanto, como Monteiro (2002) ressalta, a discussão aqui não se coloca com a intenção de negar ou marginalizar o saber arquitetado pela ciência moderna, mas, ao contrário, de procurar nas linguagens artísticas elementos que efetivamente contribuem para a aproximação do discurso científico com as necessidades e condições atualmente colocadas para um grupo cultural pouco representado e valorizado. Trata-se de redimensionar o discurso, estabelecendo referenciais outros que contribuam para a ampliação de uma compreensão científica mais adequada, sintonizada e pertinente com o cotidiano e a atualidade dos indivíduos e das representações sociais. Como se lê no autor:

[4] Entretanto, não se pode esquecer, que ao mesmo tempo em que o autor/artista retrata a sua realidade, também a constrói, e esta construção estará presente através dos elementos culturais, ideológicos e sociais em que o artista se encontra.

> [...] embora sendo obra de imaginação e criação literária, contém uma "verdade" que pode estar "além" daquela advinda da observação acurada, dos registros sistemáticos de fatos. [...] Não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (literatura) novos aspectos de interpretação; reconhecê-la como um meio de enriquecimento. (MONTEIRO, 2002, p. 14-15).

Aqui pensamos que, o universal que as formas científicas procuram alcançar pode ser enriquecido com as singularidades dos discursos literários, das diferentes linguagens (ciência e arte), dialogando e assim produzindo um saber que tenha a capacidade de criar sentidos outros para as nossas pesquisas. Pois, o discurso artístico carrega consigo um saber do mundo, que está para além de qualquer aproximação da realidade já desenvolvida pelas formas científicas, de outra parte, encontramos a forma científica de entendimento do real a partir do texto e do contexto, relacionando estas linguagens e fazendo com que elas contribuam para um saber/fazer ciência mais enriquecido de sentidos.

O estudo do conceito de identidade territorial pode ser enriquecido com a busca do entendimento do mesmo não somente pela via lógica de elevação objetiva e sistemática, faz-se importante procurar referenciais que contribuam para um melhor entendimento do próprio conceito a partir de manifestações culturais e subjetivas que são originadas no interior dos grupos sociais.

No caso da literatura, o escritor expõe as formas com que experimenta o espaço, dentro das vivências pessoais ou de outrem, reelaborando uma concepção de espaço a partir de determinados referenciais estéticos e estilísticos expressos na narrativa, ou como bem observa Silva:

> [...] a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. (SILVA *apud* LAJOLO, 1982, p. 7-8).

Reconhece-se, portanto, que a literatura é um exercício de reflexão, em que o escritor escreve e reflete acerca da sua espacialidade – dos elementos que a constituem. Daí, indagando-se acerca das formas ideológicas, culturais, políticas, econômicas etc., que encontra na sua vida cotidiana. Com suas indagações, insinua sugestões e elabora críticas que vêm ao encontro de outras leituras e interpretações, e de outros olhares e valores necessários para a compreensão ou estabelecimentos de formas alternativas aos padrões hegemônicos, ou seja, aponta formas de relações territorializadas, seus limites e possibilidades colocadas dentro da sociedade. Tomando a literatura um elemento rico de informações, podemos arquitetar um saber científico mais dinâmico e próximo das ruas, das relações cotidianas e da complexidade social e histórica em que estas se estabelecem. Produzindo, assim, um saber/conhecimento em que os

indivíduos, de fora da academia ou alvo de estudo, possam se identificar e, aos poucos, fazerem analogias com seus referenciais espaciais, que encontram todos os dias no seu quintal ou numa praça qualquer.

IDENTIDADE TERRITORIAL SUL-MATO-GROSSENSE: APONTAMENTOS

> [...] uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. (HAESBAERT, 1996, p. 178).

Como apontado por Haesbaert (1996), a questão da identidade territorial está diretamente vinculada ao sentimento de pertencimento que os indivíduos constroem com o território. Este vínculo se estabelece de diversas maneiras, seja a partir dos elementos enaltecidos enquanto o típico ou pitoresco de uma dada espacialidade, via a concepção simbólica, seja através da busca de elementos concretos para se utilizar como referência identitária.

Percebe-se que, na parte sul do antigo Mato Grosso, os indivíduos buscavam consolidar a construção de uma possível identidade territorial, arquitetando vínculos de pertencimento na busca de um processo de identificação com o sul do estado. Nesta perspectiva, elegeu-se a noção de dentro e de fora: o que estava do lado de lá, a fronteira imaginária, era o outro, que foi construído para enaltecer o "eu", o próprio, separado de nós através de uma linha imaginária que, com o passar do tempo, se materializou em determinados fenômenos e objetos representativos da construção de um processo de identificação territorial. A partir do outro, buscamos nos constituir no sul do estado, construindo símbolos que representassem quem somos, formando assim a nossa identidade territorial. Daí que, como diz Woodward (2000, p. 9): "A identidade é, assim, marcada pela diferença".

De fato, só nos reconhecemos como sul-mato-grossenses, ou pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul, numa dinâmica do encontro com outros estados do território nacional. Quem estabeleceu essas fronteiras político-administrativas que limitam o território de um estado em relação a outro? A resposta passa, necessariamente, por um complexo de elementos (processo de ocupação do território, definição de poder local, interesses econômicos diversos, características e interações culturais várias, conflitos políticos etc.) que acabam contribuindo para que certas elites políticas, econômicas e intelectuais estabeleçam seus domínios territoriais. E que, por fim, essas extensões sejam aceitas ou compartilhadas por boa parte da diversidade sócio-cultural estabelecida no território delimitado, por exemplo, como Mato Grosso do Sul.

Mato Grosso do Sul, portanto, só é Mato Grosso do Sul através de seus elementos enaltecidos enquanto típicos/próprios do território sul-mato-grossense, porque uma trama de interesses articulados por lideranças de grupos sociais dominantes permitiu a captação dos diversos interesses e necessidades da maioria social,

em prol da construção imaginária de um território-diferenciado dos demais estados. Contudo, esta articulação nunca é harmoniosa e acabada, pelo contrário, por se fundar na diversidade, ela é fruto desses conflitos de interesses e necessidades em constante processo de transformação. O que se tenta estabelecer como identidade acabada e definitiva, incorporada pelo discurso oficial, hoje acaba conflituoso com a dinâmica social, que sempre ressignifica e redefine esse sentido de pertencimento para um espaço futuro e a ser construído. Dentro dessa tensão de interesses e atritos, onde vai se realizando a eleição de elementos simbólicos e concretos, que também atravessam no nível do indivíduo, é que a noção de pertencimento territorial vai se firmando. Resultado desta busca de identificação é o conflito, é o contínuo conflito que passa pelo nível do sujeito em relação ao seu grupo social, ao conjunto da sociedade e do estado como um todo.

Dentro dessas perspectivas, na narrativa de *Onde cantam as seriemas*, objeto de reflexão desse trabalho, percebemos claramente como o escritor procurou construir um sentido de existência territorial a partir da eleição de elementos inerentes à territorialidade dele mesmo vivida. Dentre estes elementos, o que chama atenção é a aclamação aos fatores naturais: ao ler o romance, toda uma miscelânea de animais e flora parece caminhar em perfeita relação com o homem. O próprio título do romance, *Onde cantam as seriemas*, evidencia esta constatação, pois homenageia uma ave – a seriema – que muito faz lembrar as andanças do narrador quando criança:

> Arisca e desconfiada, oculta-se na macega, confundindo-se com o capim e ali se aquieta para iludir os seus perseguidores. Com o pescoço comprido e cabeça para fora, esquadrinha o campo visual em torno e foge protegida pelo capinzal. Vai aparecer muito longe, ludibriando os inimigos; caçadores a pé ou a cavalo. (GOMES, 1988, p. 21).

Esta ave, típica da região sul do antigo Mato Grosso, muito marcou as pessoas que por ali passavam. A título de exemplo, citemos a conhecida música "Seriema", dos compositores Mário Zan e Nhô Pai, um claro exemplo de como os elementos regionais e culturais entram na tessitura da obra. Como se lê na letra, a música ressalta o belo e as belezas naturais enquanto elemento que firmam a identidade territorial:

"Seriema"
Oh! Seriema do Mato Grosso
Teu canto triste me faz lembrar
Daqueles tempos que eu viajava
Tenho saudade do teu cantar
Maracajú, Ponta-porã,
Quero voltar ao meu sertão
Rever os campos que eu conheci
E a seriema, eu quero ir
Oh! seriema, quando tu cantas
de Mato Grosso a saudade vem
Oh! seriema quando tu choras e vai embora

Eu chorava também
Maracajú, Ponta-porã,
Quero voltar ao meu sertão
Rever o campos que eu conheci
Oh! seriema, eu quero ir

O último verso da canção, "Oh! seriema, eu quero ir", remete para os locais onde a existência do narrador foi construída como espacialidade e possibilidade de identificação do mundo narrado. Assim, as vivências vão formando uma identidade territorial, construindo elementos de identificação que estarão para além das construções generalizantes e artificiais, originárias de determinado grupo. Desta maneira, o fato de, tanto no romance como na letra da música, os animais e a flora serem enaltecidos enquanto elementos de identificação, está diretamente ligado ao que Merleau-Ponty (1996) diz acerca do espaço:

> Dissemos que o espaço é existencial; poderíamos dizer da mesma maneira que a existência é espacial, quer dizer, que por uma necessidade interior ela se abre a um "fora", a tal ponto que se pode falar de um espaço mental e de um "mundo das significações" e dos objetos de pensamento que nelas se constituem. (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 393).

Equivale a dizer que, em nossas andanças, estabelecemos relações diretas com os objetos que nos cercam, diante disso, com nas nossas subjetividades, arquitetamos uma espacialidade existencial, dada sobre esta relação concreta. Assim, escolhemos elementos provindos da emoção estética, que nos fazem pensar e arquitetar formas para melhor compreender a nossa existência como indivíduos que procuram a todo o momento um ponto de localização.

Segundo Abreu (2003), no início do século 20, era predominante, dentro dos aspectos econômicos, no hoje estado de Mato Grosso do Sul, a questão da exploração dos ervais, do gado, além de lavouras de cereais, tais como milho, arroz e feijão. A estrutura econômica que estava assentada na região sul era predominantemente rural, todavia, ao lado da produção agrícola iam se formando vilas/cidades nas quais a organização estrutural se torna antagônica ao modo rural de se relacionar com a natureza. É em relação ao urbano que a questão do natural é chamada como um mote de identificação dos sul-mato-grossenses. Na realidade, o estado de MS é fruto de uma diversidade de grupos culturais, bem como de regiões morfológicas diversificadas; já o Pantanal, contudo, possui ascensão no imaginário, o que se deve a resistência de sua ocupação e a singularidade dele mesmo. Todavia, para a idealização de um mundo natural/rural ele parece perfeito, apesar de o Pantanal não ocupar todo o território do Mato Grosso do sul. A idealização do espaço pantaneiro busca, assim, ressaltar os aspectos bucólicos e embelezadores da vida rural, essa entendida como mais próxima da natureza. Esse universo pantaneiro se transforma em contos, livros e músicas que exploram esses aspectos, sem deixar de se identificar com o imaginário popular, urbano.

A eleição dos elementos naturais, tornados belo, diferentes, serve à consolidação de uma imagem do Sul através de experiências adversas. Espaços bem degradados acabam não interessando aos desejos de uma sociedade ou grupo de indivíduos que buscariam o paraíso terrestre para realizar suas experiências em regiões de belezas naturais. Uma interessante analogia pode se buscar na discussão que Gondim (1994, p. 18) realiza acerca da formação identitária da Amazônia, ao abordar o imaginário dos viajantes/colonizadores europeus. Salienta o autor que a questão da natureza está fortemente relacionada com a idéia de paraíso: "Buscava-se o Paraíso, que representava o sonho sempre perseguido de viver eternamente, longe das pestes e da fome, sem necessidade de trabalhar, pois aquele lugar prodigioso, com uma só estação perdurando o ano inteiro, tinha árvores quer produziam sem cessar e eram banhadas por rios perenes". A analogia se mostra, assim, relativa a paisagens que vão se construindo historicamente, dadas pelos estudos ou ensinamentos religiosos passados de pais para filhos, que depois acabam se materializando, pois encontram verossimilhança com os locais que os indivíduos experimentam espacialmente.

Refletir, hoje, sobre a questão do natural como elemento central para tratar a identidade territorial, não passa de um engodo, uma vez que muitos sul-mato-grossenses negam a centralidade deste elemento no nosso processo de identificação. Entretanto, essa atitude não é original, pois que a relação homem e natureza sempre foi conflituosa, cheia de divergências. Hernâni Donato, por exemplo, em *Selva trágica*, mostra bem esta relação não harmoniosa entre o homem e a natureza. Evidencia que, com a chegada dos colonizadores, o sul do antigo Mato Grosso foi naturalmente se transformando, e sua paisagem também:

> Outras vozes afirmavam, citando números e nomes de cidades, de rios e de estradas, que de outra forma o sul do Mato Grosso seria um deserto, belo mas improdutivo, extenso mas inútil. Estas vozes contavam como as cidades haviam nascidos, os rios navegados, os portos construídos, as riquezas exploradas, as estradas abertas e conservadas, a terra conhecida e povoada, aumentada a renda do Estado, enriquecidos os fazendeiro de erva. (DONATO, 1976, p. 189).

Para além da incompatibilidade da relação homem *versus* natureza, o ponto central do livro de Donato é a relação societal que estava se organizando no início da década de 1920, evidenciando as formas de trabalho e as relações interpessoais, os valores que permeavam a vida dos mineiros e a própria vida amorosa, em que as mulheres acabavam se entregando ao mineiro que melhor podia trazer rendimentos para casa. Outro elemento que permeia a questão da identidade territorial sul-mato-grossense localiza-se no homem. A formação da identidade social logo se reflete na construção da identidade territorial, pois se engendra uma formação discursiva assentada nas mais diversas manifestações presentificadas através de atitudes, comportamentos, elementos culturais que, direta ou indiretamente, estarão vinculados com dada territorialidade.

É interessante observar como os indivíduos vão colonizando o território sul-mato-grossense a partir da introdução de suas próprias práticas culturais, amalgamando atitudes diretamente ligadas ao sentimento cultural deixado para trás, em outras territorialidades. No entanto, aqui, no sul do Mato Grosso, estes sujeitos encontraram um outro espaço, no qual iniciaram transformações dentro de suas práticas culturais cotidianas. Elementos são incorporados e (re)assimilados, fazendo que haja uma diversidade cultural renovada que passa a compor, então, uma identidade própria da territorialidade sul-mato-grossense. Em *Onde cantam as seriemas* percebe-se bem a miscelânea de elementos culturais que estava se espraiando pelo território sul-mato-grossense: confluência de aspectos culturais que necessariamente se imbricam e se caminham para a formatação de um processo de identificação territorial. Observe-se, neste sentido, como a personagem Deraldino, na obra em referência, migrante nordestinho e analfabeto "[...] que se dava importância, assinava o "Estado de São Paulo", e era constantemente visto, sentado à porta de sua loja com o jornal na frente do nariz e de cabeça para baixo" (GOMES, 1988, p. 29). A passagem ilustra como o sul do antigo Mato Grosso estava se construindo na confluência de diversas culturas, além de que o modelo que seguiam era o da hoje região sudeste do país, de onde as "modas", as notícias, os centros de decisões político/administrativos eram oriundos destes centros.

Numa outra passagem, Gomes (1988) relata as suas percepções acerca do professor Pimenta; professor rigoroso que se utilizava de todas as práticas "educativas" do período para melhor educar os seus estudantes na direção dos conhecimentos necessários, segundo o professor Pimenta, para se estruturar no mundo. Ainda na mesma obra, o que mais chama a atenção é o momento em que o narrador relata que o Professor se dava ao luxo de passear ou comprar algum mimo para si:

> Nessa época, já era, além de professor, o coletor estadual. Trabalhava e economizava: às vezes se dava ao luxo de dar um passeio, nas férias de fim de ano. Ia ao Rio de Janeiro, São Paulo; e sempre trazia terno novo, sapato, gravata; coisas da última moda, pois que o velho solteirão era vaidoso. (GOMES, 1988, p. 57).

A partir de um jogo de escalas, percebemos quais eram os motes de identificação utilizados como referência. Uma busca pelo que é moderno, dentro de um padrão estético, dada pelas formas com que as elites carioca e paulista se pautavam. Basta observarmos a passagem em que o narrador do livro de Gomes chama sua mãe para o enredo, moça bonita, dada a família e muito digna em suas atitudes, e que "[...] quando meu pai ia a S. Paulo efetuar compras anualmente, ela o acompanhava e refazia seu guarda-roupa. Vaidosa como toda mulher, sabia apresentar-se. Talvez a mulher que melhor se vestia na vila" (GOMES, 1988, p. 79).

Encontram-se aí os parâmetros de construção de uma possível identidade social marcada pelas formas que eram oriundas das elites paulista e carioca, todavia dentro de um jogo de escalas espaciais, nas quais essa mesma burguesia se pautava, originárias da Europa. Esse processo de identificação se dava num inicio de prémodernização urbana através da busca pela reprodução dos grandes centros cosmo-

politas, diante das agruras da realidade rural. Seguindo este padrão universal que o mercado imprimia, dentro de um ritmo que as barreiras físicas espaciais – distância, isolamento, referenciais técnicos de comunicação e circulação – acabavam recriando e forçando certa adaptação.

A tônica do livro de reminiscências de Gomes, em análise, está acentuada na exaltação dos desbravadores, dos pioneiros, que, segundo o próprio Gomes, tinham a árdua saga de levar o desenvolvimento às áreas inóspitas de nossa suntuosa terra, exuberante por natureza, porém selvagem e pronta para ser domada pelos colonizadores. É ilustrativo, dentro dos mais variados episódios e no entrecho do livro, o momento em que o narrador fala acerca do carreiro, dos pioneiros que, junto com a bagagem, trouxeram o dito "progresso e civilidade" que usufruímos hoje em dia:

> [...] é a vida do carreiro, o construtor das antigas estradas com roda de carro e o casco de boi. Os pioneiros que trouxeram o progresso e a civilização que gozamos agora. Aos carreiros de antigamente, heróis anônimos que transportaram cantando e ajudaram o Brasil a se expandir cada vez mais para Oeste – o nosso preito de reconhecimento. (GOMES, 1988, p. 124).

Tanto aqui como ao longo da narrativa de Gomes, percebe-se uma negação, um estranhamento ou um não reconhecimento das condições de vida que grande parte dos indivíduos viviam cotidianamente. Pois, em poucos momentos, os livros de literatura, aqui em destaque o de Gomes, fazem menção ao índio ou a representação de outras etnias que compõem a nação. Deste ponto de vista, pensar a história sul-mato-grossense significa necessariamente proceder a uma revisão crítica da própria historiografia literária do que as obras de artes tematizam em suas linguagens. Porque a obra de arte, como também a linguagem científica, se caracteriza por um tipo de discurso que não é alheio ao contexto ideológico de um local e período, portanto, é entre as lacunas desses saberes que buscaremos os apagamentos, as contradições, os silêncios mesmos, acerca da construção identitária da região sul do antigo MatoGrosso.

O processo de revisão acerca da negação dos indivíduos que habitavam esta região é de suma importância para entendermos os atuais conflitos de terra, nos quais os fazendeiros colocam os indígenas como não habitantes destas localidades; todavia, a forma de ocupação realizada deixa clara a opção de se marginalizar o índio, quando os "colonizadores" aqui chegavam. É ilustrativa, neste sentido, uma passagem do livro *Vento brabo* (1971), de Hélio Serejo, sobre o relato do vento que sopra com virulência para todos os lados, deixando clara esta relação de dominação do desconhecido pela força: "Mas, ao cerrar os olhos, ainda teve fôrças para dizer à mulher, que cuidasse da terra, porque ali era a Bôca do Sertão, por onde todos entraram, na fúria selvagem de dominarem o desconhecido" (SEREJO, 1971, p. 08).

A violência impunha-se então como *modus operandi* de legitimação do poder. Tratava-se de uma guerra por terras, por benefícios próprios, na qual a lei do mais forte prevalecia a favor dos que viam nessas ricas terras possibilidades de prosperar na vida. Também neste sentido, é ilustrativo Wingartner (1995, p. 26-27):

> Cuiabanos, mineiros, paulistas e gaúchos atraídos pela fertilidade da terra e pela grande quantidade de gado bravio dos Campos de Vacaria, vêm em busca da prosperidade e se fixam na região, dando origem às vilas e às cidades. Essa migração não obedece a critérios rígidos. Ela é espontânea, contínua, intensa e desordenada. O que a regula são as crises econômicas e políticas na região de origem dos migrantes. O que os atrai para a nova terra são as facilidades de adquirir terras. Esse movimento dinamiza a economia e estimula a fragmentação da propriedade e, propicia o crescimento das vilas e das cidades.

Nesta passagem, a autora mostra a confluência de culturas que aqui estava se fixando, devido as facilidades por ela relatadas. Todavia, parece se esquecer que a "Marcha para o Oeste", segundo a literatura, também foi a marcha do "44", que fazia prevalecer a lei do mais forte. No livro *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros* (1997), escrito por Brígido Ibanhes, encontramos elementos que melhor elucidam o que estamos tratando no espaço desta análise. O romance historiográfico de Ibanhes versa sobre as venturas e desventuras de um bandoleiro que sai fugido do Rio Grande do Sul para se instalar no sul do Mato Grosso: "Silvino, como tantos gaúchos envolvidos em mortes e malvistos no seu Estado, resolvera emigrar para o distante Mato Grosso, que na época era a terra prometida onde a Justiça se cumpria pela lei do quarenta-e-quatro" (IBANHES, 1997, p. 29).

A resolução dos conflitos vividos pelos cidadãos sul-mato-grossenses se encontra numa lei paralela, ou seja, na do quarenta-e-quatro. Um exemplo deste fato é a passagem em que o próprio Silvino era contratado por fazendeiros para tirar os grileiros e outros indivíduos que ocupavam as terras tidas como propriedade dos latifundiários: "[...] o Sr. Luiz Fernando Lago Escobar, mais conhecido na região de Aquidauana (MS) por Seu Tico, dono da Fazenda Palhoça, mandava o Silvino retirar os grileiros de suas propriedades, sendo que o próprio Delegado Bonifácio lhe fornecia arma e munição para esse fim" (IBANHES, 1997, p. 90).

Determinados grupos sociais negavam tudo o que vinha no sentido de atrapalhar o poder conquistado. O uso da força, da violência para resolver os conflitos, é um processo que simplificava as relações de poder dentro do estado. Escreviam e pensavam a partir do "eu"; o índio, os trabalhadores não letrados, os posseiros e grileiros foram negados, para a busca da construção de um Estado-Nação cujo poder foi, assim, historicamente se estabelecendo.

Como vimos nos textos literários em análise, não é mediante o diverso que buscam colocar a identidade territorial sul-mato-grossense, mas a partir do arranjo dos diversos grupos e articulações das elites. Na realidade a aceitação só se dá pela maioria social e em termos da existência fictícia do próprio Estado-Nação e o Mato Grosso do Sul como parte dele. Uma identidade só existe enquanto *constructo* ideológico, a serviço das ações e interesses articuladas pelas ações do estado. Esse estado, antes de ser imune, é fruto dos conflitos sociais.

PALAVRAS QUE ENSEJAM UM RECOMEÇO

> Vento brabo... é vento que venta de todos os lados. [...] vem sempre fazendo estrupícios [...] dizem que carrega, em seu bôjo, na fúria satânica, tôdas as sinfonias, as paisagens, os cânticos, as lendas, as madrugadas, os mistérios, os crepúsculos, os lamentos e os queixumes da terra agreste e bárbara [...] deixemo-lo soprar, então!... (SEREJO, 1971, p. 5).

À guisa de conclusão, tomamos a epígrafe de Hélio Serejo, reconhecendo nela um aspecto central da identidade territorial sul-mato-grossense, sintetizadora das análises das obras que aqui empreendemos: Mato Grosso do Sul é a própria diversidade, é este vento que, segundo Serejo, sopra com fervor de várias localidades e que acabam se presentificando na identificação territorial. O estado é também o da diversidade de fauna e flora com as especificidades climáticas das mais diferenciadas regiões sul-mato-grossenses. O reconhecimento deste processo de construção de uma identificação nunca se acaba e não é passível de domínio e controle, mas cresce exponencialmente através da discursivização do assunto. Podemos entender a sua origem, processo e seu aspecto dinâmico que vai para além de nossos interesses e necessidades particulares. O caráter multíplice e variegado de nossa cultura soma-se ao complexo de nossa identidade territorial, que vai consolidando, assim, numa confluência de elementos místicos, culturais e naturais. Esta perspectiva vem de encontro com o que comumente é trabalhado e pensado como a identidade sul-mato-grossense, pois várias reflexões sobre o assunto exploraram o típico, o pitoresco enquanto elemento central para consolidar o nosso processo de identificação.

Acreditamos que ao expor as várias facetas da população, os literatos desempenharam um grande papel, desenhando um amplo cenário, enquanto narradores das condições sócio-espaciais, e nisso demonstraram como os indivíduos se relacionavam e pensavam seu "território", para além da busca e legitimação de um único elemento que representasse o que era próprio ao Sul. Pois, em muitos casos, os cidadãos não se identificavam com que uma parcela da sociedade qualifica como próprio. Diante disso, a identidade sul-mato-grossense se apresenta mais complexa e confusa, jamais terminada.

A inter-relação do conhecimento científico com o saber produzido pelos literatos é importante para enriquecer o discurso científico, aproximando-o do *constructo* social. Todavia, este fim é apenas o começo, pois é preciso aprofundar a reflexão teórico-crítica para melhor entender a relação entre ciência e arte, bem como compreender o contínuo processo de formação da identidade territorial sul-mato-grossense.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvana de. Ocupação, racionalização e consolidação do Centro-Oeste Brasileiro: o espaço mato-grossense e a integração nacional. MARIN, Jérri R.; VASCONCELOS, Cláudio A. de (Org.). *História, região e identidade*. Campo Grande: UFMS, 2003. p. 263-290.

CAPEL, Horácio. *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova – temas universitários, 1981.

DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. São Paulo: Edibolso, 1976.

DOCUMENTÁRIO da Cultura e da Arte Sul-mato-grossense. Filme. 1CD-Rom. In: "Kit didático-pedagógico do projeto Arte, Cultura e Educação em Mato Groso do Sul". Campo Grande: FCMS / SEC, 2006.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. O ensino de geografia para além da geometrização do espaço: apontamentos entre o redondo e as retas. In: *Caderno Prudentino de Geografia* – Associação dos Geógrafos Brasileiros, Presidente Prudente-SP, AGB, n. 23, 2001.

_____. O olhar e a paisagem: caminhos de um poema. In: *Caderno Prudentino de Geografia* – Associação dos Geógrafos Brasileiros, Presidente Prudente-SP: AGB, n. 26, 2004.

GOMES, Otávio Gonçalves. *Onde cantam as seriemas*. 2. ed. Campo Grande-MS: [s.n.], 1988.

HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do território. In: Alexandre Domingues Ribas, Eliseu Savério Sposito, Marcos Aurélio Saquet (Orgs.). *Território e desenvolvimento*: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 87-119.

IBANHES, Brígido. *Silvino Jacques*: o último dos bandoleiros – o mito gaúcho sul-mato-grossense. Campo Grande: UFMS, 1997.

HISSA, Casio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras*: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UMFG, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*: espaço, cultura e política no Brasil. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama*: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: UFSC, 2002.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2006.

-_____. *O que é geografia*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NOLASCO, Paulo. *O outdoor invisível*: crítica reunida. Campo Grande-MS: UFMS, 2006.

SEREJO, Hélio. *Vento brabo*... Presidente Venceslau-SP: Requião, 1971.

SODRÈ, Nelson Werneck. *Introdução a geografia*: geografia e ideologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

ZILIANI, J. C. *Tentativas de construções identitárias em Mato Grosso do Sul (1977 – 2000)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados-MS.

WEINGARTNER, Alisolete A. dos Santos. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Est, 1995.